

Comunicação apresentada no XVI COLE.
V Seminário Leitura e Produção no Ensino Superior

Percalços e Percursos: da voz do outro à singularidade.

Sobre o Percurso: a singularidade.

A presente pesquisa partiu da hipótese de que o autor do texto acadêmico, à medida que avança no seu percurso na Universidade (graduação, mestrado, doutorado), ou seja, à medida que há um aprofundamento desse sujeito com o saber há também uma ampliação dos seus recursos, de modo que ele passa a escrever um texto que indicie, para aquele que o lê, um pouco de si, ou seja, esse texto contém, marcas da singularidade de seu autor.

Tendo em vista que a pesquisa pretendia analisar o que seriam “marcas de singularidade” em um texto acadêmico, ponderar o que seria singularidade é de suma importância. Porém, antes disso, é necessário fazer algumas ressalvas sobre a especificidade do próprio texto acadêmico.

Forbes¹, ao discorrer a respeito das posições possíveis de um sujeito com relação ao saber (no caso, visando a esclarecer a produção no campo da psicanálise) diz que este é “um saber que implica o sujeito”. Contrário a esse, teríamos o saber científico, que se quer neutro, é “[um saber] independente das subjetividades do emissor e do receptor”.

Mas segundo o autor, mesmo dentro desse saber acadêmico as subjetividades comparecem. Ele cita alguns exemplos. Os autores dos textos científicos, após publicá-los, possuem dúvidas a respeito da recepção da sua obra. Do mesmo modo, existe o “narcisismo dos intelectuais”, nas suas disputas por melhores hotéis, recepção, etc. Segundo Forbes, tudo isso ocorre porque é o momento de se testar como se é visto pelo outro.

Porém, o autor afirma que o narcisismo, mesmo na forma de aplausos ou de vaias, não é um bom parâmetro para testar o “por de si”, de que trata a singularidade. Como forma para aferir o “por de si”, Forbes aponta quatro posições subjetivas diferentes, ressaltando, ainda, que essas posições não são fixas, já que o sujeito varia de lugar e não ocupa apenas uma dessas posições:

¹ FORBES, J. “As quatro posições subjetivas na Produção do saber psicanalítico”. Todas as citações de Forbes são retiradas desse texto.

- a) autor conceitual ou nocional, aquele que cria uma nova forma de ver;
- b) autor comentador, aquele que cria uma nova forma de ver sobre o que já foi produzido pelo autor conceitual;
- c) o crítico, semelhante ao crítico literário;
- d) o idiota² “aquele que não conseguindo por de si, aliena-se ao outro”.

No texto já citado, o autor recupera a definição de Lacan de “besteiras” que são “o que cada um traz de si e que necessita dar um endereçamento”³. O faz para continuar discorrendo a respeito das quatro posições que foram objeto de seu comentário anterior e afirma que quando elas são tratadas por um ideal geram um idiota, quando são tratadas por uma causa geram um autor, um artista , etc.

Desta afirmação, podemos compreender a importância de diferenciar “ideal” de “causa” para todos aqueles que têm interesse na produção do conhecimento. Enquanto o primeiro a imobiliza, a segunda a convoca. Vamos transpor esta diferenciação para o contexto que é pano de fundo para esta pesquisa.

Na relação de orientação, são muitos os exemplos do que ocorre com um mau endereçamento das “besteiras” geradas pelos alunos. Um orientando pode, por exemplo, acreditar que um bom texto acadêmico está relacionado com a forma canônica do texto. Caso não seja informado pelo seu orientador de que a excelência de um texto não se resume a isso, produzirá um texto, formalmente, nos moldes acadêmicos, mas que nada acrescenta de novo. No máximo, seu trabalho será uma compilação do que já foi produzido. Esse exemplo demonstra o que ocorre com uma besteira quando é tratada por um ideal, no caso, o de forma exemplar para um texto.

Um texto acadêmico, assim como toda produção escrita, deve conter aquilo que é da ordem do Ideal, afinal há um padrão de texto que deve ser mantido, há regras que não podem deixar de ser seguidas. Nossa crítica não caminha nessa direção, mas sim se endereça aos que não souberam transpor a ordem do Ideal, aos que não colocaram nada de si.

² Idiota é um termo usado por Forbes para definir aquele que nada põe de si, idêntico, “portanto idiotas (palavra que tem “idem” na sua raiz).” Não deve ser tomado no sentido habitual do insulto na língua corrente.

³ A definição de Lacan é retirada do texto já mencionado: FORBES, J. “As quatro posições subjetivas na Produção do saber psicanalítico”.

Como afirmou Forbes: [é preciso] “que não se perca a causa e se caia no engodo da muleta falsamente segura do “ideal”. Quando não se pode por de si segura-se no barco do outro mais forte. O preço, como dito, é a idiotia.”(p.6)

Até o momento tratamos do que faz parte do ideal de um texto. Porém não é só na ordem de um ideal que um texto permanece, há um ponto, um traço, uma causa que toca o sujeito e permite que ao contrário da idiotia ele recaia em outra posição, a daquele que se marca no texto de forma singular quando suas “besteiras” são guiadas por um causa, não por um ideal.

Uma unidade mínima do que seria essa singularidade proposta é denominada por Lacan como “traço unário”⁴. Esse conceito empregado, primeiramente, por Freud “tem o valor de uma assinatura onde pode ser lida, para o sujeito, alguma coisa de sua identidade e está necessariamente articulada com um objeto”. Lacan retoma esse conceito por achar que “tem menos uma função unificadora que uma função distintiva”, já que “não marca simplesmente uma operação reflexiva em relação ao objeto”, apesar de ter que passar pelo objeto para se singularizar, mas sim porque “o que é posto em jogo é o próprio surgimento do sujeito, na medida em que só a diferença de si mesmo inscrita pelo traço é capaz de engendrar um possível em relação à noção de identidade”(p.571).

Semelhante a essas indagações, nós podemos relacionar um texto de Pommier⁵ que aproxima a questão da sublimação e do ato criativo. O autor mostra dois caminhos possíveis para a pulsão, o primeiro seria sexuado, através do gozo. Na tentativa de satisfazer o desejo do outro, o ser ocupa a posição do falo imaginário, ocasionando o gozo. Um exemplo seria a mãe que alimenta o bebê, esse aceitando o alimento ocupa o lugar do falo e ocorre o gozo que nesse caso é incestuoso. Porém, nessa tentativa desesperada de satisfazer o outro, há o apagamento desse sujeito, até que ele sinta o sintoma, que nesse caso seria a repugnância.

Outro caminho seria o da sublimação, o caminho assexuado: “transformação, realização da pulsão por uma outra forma”, como por exemplo, a Obra. Enquanto o caminho sexuado há o anonimato, no outro há a nomeação. “O momento da criação é o do nascimento do sujeito”.

⁴ KAUFMANN, P. *Dicionário Encyclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan.* RJ: Jorge Zahar, 1996. P. 561-2.

⁵ Sublimação e ato criativo. IN: *Desenlace de uma análise.*

Nesses caminhos percebemos que há algo que escapa da ordem do ideal. No primeiro o que escapa é o sintoma, a repugnância, no segundo é a sublimação. O sintoma é a resistência à realização de um desejo que não é seu, uma resistência a alienar-se a outro.

Contudo, analisando o corpus desta pesquisa não encontramos marcas significativas de singularidade. Tendo em vista essa constatação passamos a elaborar hipóteses de porque isso ocorre.

Pode-se explicar esta ocorrência por meio da própria estrutura do discurso universitário, como será explicado a seguir.

O conceito de discurso para a psicanálise.

Lacan, no Seminário XVII, descreve a estrutura de quatro discursos (discurso do mestre, discurso da histérica, discurso universitário e discurso do analista), que serviram aqui para pensarmos na relação do sujeito com sua produção acadêmica, já que o discurso universitário é uma dessas estruturas e por isso mesmo será a que exploraremos.

É importante salientar que esses discursos não se referem nem ao local onde essas estruturas são produzidas (não é o fato de o discurso ser denominado universitário que significa que ele só será proferido na Universidade), nem indica a pessoa que o produz, (o discurso do analista não é somente do analista). Esses discursos são uma estrutura, uma rede articulatória que ultrapassa a palavra:

“Os discursos em apreço nada são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavra, que vem em seguida se alojar-se neles.” (Lacan, 1992, p.158)

Lacan⁶ afirma que três termos que compõem esses discursos recobrem três “profissões impossíveis” propostas por Freud: governar, analisar e educar. Segundo Lajouquiére⁷, essa impossibilidade se deve ao fato de em cada ato dessas profissões,

⁶ LACAN,J. A impotência da verdade. IN: *O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.156-171.

⁷ <http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id=15> - 06/07/2007

toda política, psicanálise e educação são reinventadas, mas “essa possibilidade de reinventar tem a ver justamente com que o sujeito sustente a impossibilidade do ato”.

Mas, contrário as profissões que são três, os discursos são constituídos de quatro termos, escritos dois a dois, separados por um traço e possuem entre um termo e outro um símbolo. Na parte superior há uma seta e na inferior, uma obstrução:

Agente → Outro

Verdade ▲ Produção

Figura 1. Estrutura dos quatro discursos.

A seta indica um ponto de impossível e a obstrução, a ausência de comunicação. Esses lugares são imutáveis, porém, o mesmo não ocorre com o discurso, já que essa estrutura funciona por um quarto de giro, o que dá quatro possibilidades de distribuição das letras, lugares de apreensão de diferentes efeitos de significante: “cada um dos discursos é uma diferente maneira de causar um sujeito como efeito, ou cada um dos quatro discursos é uma maneira de estabelecer laço social (...)[ele] determina o que é da posição de um sujeito em relação a estrutura”(p.195)⁸ .

As letras que se inscrevem no discurso e que trocam de lugar são: S1, significante mestre; S2 ,o saber inconsciente; \$ sujeito dividido, já que é um efeito de linguagem e a, impossível, o real.

S2 → a

S1 ▲ \$

Figura 2.O Discurso Universitário

Enfim, chegamos ao discurso universitário. Esse discurso que tem o saber como agente e que procura fazer uma operação impossível, que é dominar o real. Vemos que no lugar de verdade está o significante mestre, o S1. Nessa posição de verdade o significante indica que todos têm que admitir uma verdade única, sendo que Lacan afirma é que a verdade é impotente. Cada um tem a sua verdade e essa se relaciona com

⁸ RIOLFI, 1999.

o seu ponto de real, com aquilo que nos falta. A verdade não tem um rosto, nem um conteúdo, ela é uma posição e como tal impotente.

O discurso universitário veicula um S1 como verdade, já no discurso da histérica a verdade é um ponto de impossível, *a*. Além disso, a verdade não possui relação nenhuma com a produção, em nenhum dos discursos, visto que entre a verdade e a produção há um ponto de obstrução.

“Toda impossibilidade, seja qual for, dos termos que aqui colocamos em jogo, articula-se sempre com isso - se ela nos deixa em suspense quanto a sua verdade, é porque algo a protege, algo que chamaremos impotência”(Lacan, 1992, p.166)

O saber na posição de agente cria uma pretensão de tudo saber, já que cola o sujeito a um significante mestre, o resultado é uma espécie de doutrina. É como se fosse uma roupa de tamanho único.

O Discurso Universitário força todos a se adequarem a sua verdade, S1. Além do fato de que na posição de produção desse discurso há o sujeito, *\$. Fica* claro que o sujeito produzido nessa operação não é só um sujeito dividido pela linguagem, mas é um sujeito que é produzido de acordo com esse saber, o S2, como agente.

Efeitos do Discurso Universitário no corpus analisado

Nesse momento, tentaremos dar alguns exemplos retirados do *corpus*⁹ desta pesquisa para apontar como a estrutura do discurso universitário só produz os mesmos enunciados e dificulta o comparecimento da singularidade.

O texto de Iniciação Científica (IC) da informante privilegia a parte intitulada: Resultados e Discussões. A autora dedica vinte e três páginas, de um total de vinte nove, à essa instância. Essa escolha, de certa forma, nos permite visualizar uma postura da informante, já que a ênfase da sua pesquisa é analisar os textos a partir de resultados.

⁹ O *corpus* da presente pesquisa é composto pelo relatório final de iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado de uma pesquisadora da área de letras.

Não é só o número de páginas dedicadas nesse texto a essa divisão que revela essa preocupação, mas o restante do seu relatório de IC demonstra isso. A sua argumentação na análise está centrada, em grande parte, na mostra dos resultados.

A pesquisadora procura apontar sempre quantos são os alunos que utilizaram uma, ou outra construção nos testes aplicados, ou nos textos produzidos,¹⁰ seja de forma precisa, numericamente, como no exemplo: “(...) verbos semanticamente coerentes, como “enfeitiçada”; “adormecida”= Classe 1- 11/29; Classe 2-08/22; Classe 3- 08/14; Classe 4- 26/34.”(p.06); ou de modo generalizado, como: “Algumas crianças deixaram o espaço vazio”.

Nos dois casos, percebemos uma preocupação da informante em ancorar seus argumentos no resultado de suas pesquisas. Sua argumentação se baseia no uso de exemplos. A autora recorre frequentemente, ao texto do aluno, ou ao texto que inspirou o exercício, transcrevendo-o literalmente por diversas vezes: “Uma princesa dormia há cem anos”.

A transcrição de trechos inteiros de textos produzidos pelos alunos de sua pesquisa, ou pelos seus entrevistados, na sua tese, é usada largamente pela pesquisadora: “é difícil né? Acho que português é difícil né?eu acho que o português é muito mais difícil que o inglês muito quer dizer se você comparar por exemplo as formas verbais nas duas línguas são absurdas as diferenças né?”.

Nos três textos de nossa informante: iniciação científica, dissertação de mestrado e na sua tese de doutorado, podemos notar que a pesquisadora, além de utilizar as formas verbais impessoais: “classificam-se”, verbos no pretérito perfeito: “deixaram, perceberam, ocorreu”, forma bastante utilizada na sua IC, escolheu nomear-se como primeira pessoa do plural: “nossa preocupação, solicitamos, aplicamos, passamos, nosso percurso”. Essa escolha pode nos indicar um pouco de nossa informante, pois se associarmos essa escolha a outra: a de sempre indicar o nome de suas orientadoras na sua introdução, ou mesmo se dizer pertencente a um grupo de pesquisa, isso mostra, mesmo que minimamente, sua relação com a pesquisa. De certa forma percebemos que falta autonomia, ou então há um receio dessa pesquisadora em se nomear. Em seu relatório de iniciação científica, não encontramos nenhuma vez uma referência a quem é o autor desse trabalho.

¹⁰ O corpus analisado pela nossa informante, na sua IC e na sua dissertação, é composto de textos e testes produzidos por crianças do terceiro e quarto ano do ensino fundamental. Já na sua tese de doutorado o corpus é composto da transcrição de entrevistas orais feitas a diversos sujeitos.

Percebemos uma preocupação exarcebada em quantificar seus resultados, isso de certa forma favorece seu apagamento. A autora, inclusive aproxima sua escrita de uma escrita usada nas ciências exatas, no seu relatório de IC, a informante topicaliza seu texto, como já dissemos não há nenhuma indicação de quem escreveu o texto, não há nenhum verbo escrito em primeira pessoa (do singular ou plural), usa inclusive de poucos pronomes demonstrativos. Outro fato digno de ser mencionado é o uso constante de generalizações.

Já que essa singularidade não transparece nesse texto é preciso pensar se haveria um espaço, onde essa singularidade, definida, anteriormente possa comparecer. Tendo em vista que essa é uma pesquisa em fase inicial, tentarei articular algumas hipóteses que não serão solucionadas aqui e ficarão para uma resolução posterior.

Se o discurso universitário e o discurso do mestre são estruturas na qual a singularidade comparece de forma pouco significativa, resta avaliar em qual estrutura essa singularidade pode comparecer de forma mais nítida. O discurso do analista apresenta algumas impossibilidades, porque não é possível no ambiente acadêmico partir sempre do não-senso.

A possibilidade que parece mais possível é a do discurso da histérica. Já que essa estrutura além de ter o *\$* na posição de agente tem o *a* na posição de verdade o que já denúncia a impossibilidade de se ter uma verdade. Esse poderia ser um campo no qual o singular pode comparecer.

Bibliografia

FORBES, J. “As quatro posições subjetivas na Produção do saber psicanalítico”. IN: *Revista Transmissão*. p.4-6.

KAUFMANN, P. *Dicionário Encyclopédico de psicanálise*. O legado de Freud e Lacan. RJ: Jorge Zahar, 1996. P. 561-2.

LACAN, J. “A impotência da verdade”. IN: *O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

LACAN, J. “A produção dos quatro discursos”. IN: *O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

POMMIER, G. “Sublimação e ato criativo. In: O desenlace de uma análise. RJ: Jorge Zahar, 1990.

RIOLFI, C. *O discurso que sustenta a prática pedagógica*. Tese apresentada para obtenção de doutorado. Campinas. Universidade de Campinas, 1999.